

INOVAÇÃO GAÚCHA (FINAL)

Criatividade para dar novo fôlego a antigos negócios

Empreendedores do Rio Grande do Sul criam soluções tecnológicas que ajudam a modernizar atividades tradicionais no Brasil e em outros países



Hopf, da GetNet, aposta na integração de serviços para conquistar clientes de diferentes tamanhos

JOÃO GUEDES

A rotina de trabalho em armazéns, curtumes e lavouras vem ganhando nova cara com a aplicação de inovações arquitetadas por empresas gaúchas que se dedicam a criar tecnologias que dão novo vigor a antigos negócios na cidade e no campo.

SUGESTÃO DO
Leitor

Nos pequenos estabelecimentos de comércio, as tradicionais cadernetas onde são anotadas as vendas a prazo cada vez mais dividem espaço com máquinas de cartões de créditos e débito com a ajuda de um modelo de negócio trazido ao país pela GetNet, de Campo Bom.

Em vez de esperar que cada banco ou operadora de cartões leve seus terminais de atendimento para os pontos de venda, a empresa criou um sistema integrado de cobrança que

instala e controla as transações no comércio, fazendo o meio de campo entre lojas, clientes e instituições financeiras.

O mesmo serviço ainda integra outras possibilidades, o que viabiliza a operação de uma máquina de cartões em armazéns, por exemplo, porque permite a um pequeno comerciante receber o pagamento de contas de água e luz, vender créditos de telefones celulares pré-pagos e bilhetes de transporte público.

— A gente colocou vários tipos de negócios num mesmo serviço, o que permite viabilizar a colocação das máquinas em estabelecimentos de todo tamanho — diz José Renato Hopf, diretor-presidente da GetNet, que conta com 900 funcionários.

Criada há cinco anos, a empresa já figura entre as três maiores gerenciadoras de operações financeiras eletrônicas do país, além de efetuar 30% de todas as recargas de celulares pré-pagos no Brasil. Em 2008, movimentou R\$ 2,1 bilhões, o que

garantiu receita de R\$ 142 milhões.

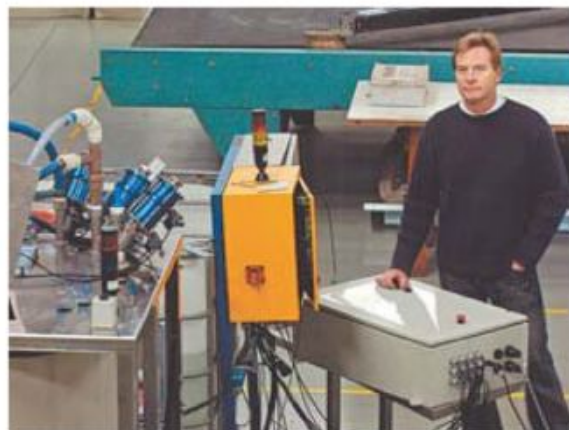
— Estamos em 165 mil locais em 4 mil cidades em todo o Brasil e em 2 mil estabelecimentos no Chile — orgulha-se Hopf.

De olho no futuro, a empresa está iniciando operações para usar o celular como substituto da máquina de leitura de cartões para pagamento em táxis e telentregas.

joao.guedes@zerohora.com.br

GetNet

- **Onde:** Campo Bom
- **Sector:** tecnologia da informação
- **Por que inova:** cria e opera sistemas que integram, em uma só máquina, leitura de cartões de débito e crédito, venda de créditos de telefone pré-pago e transporte público, além de desenvolver soluções para pagamento de compras via celular



Bogdawa e as máquinas que a NBN vende à indústria de couro

Na medida certa

Mesmo separadas por milhares de quilômetros, curtumes de Brasil, China, África do Sul, Cuba e Canadá têm algo em comum: o DNA gaúcho das máquinas. A coincidência é possível porque são países importadores de equipamentos da NBN, de Porto Alegre, que cria aparelhos para automatizar processos tradicionalmente manuais.

— É uma automação para uma indústria muito antiga, que ainda tem muita coisa feita à mão — explica Ulf Bogdawa, sócio e diretor comercial da empresa, que atua num mercado que movimentou R\$ 80 milhões ao ano no Brasil, segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Máquinas para Couro e Calçados (Abrameq).

Com 20 funcionários e faturamento anual de R\$ 3,8 milhões, a NBN fabrica máquinas com sistemas óticos para a medição e classificação precisa das peças de couro. Outro mecanismo controla a pesa-

gem e a mistura correta dos produtos químicos, o que permite um couro com as mesmas características, até quando proveniente de diferentes lotes, e reduz a exposição dos operários às substâncias tóxicas.

Há 23 anos no segmento, a empresa disputa o mercado internacional com indústrias da Europa. Nos últimos cinco anos, exporta para a China usando como trunfo a simplicidade na operação das máquinas, ao contrário dos equipamentos europeus, feitos para uma mão-de-obra com alta qualificação.

NBN

- **Onde:** Porto Alegre
- **Sector:** automação
- **Por que inova:** desenvolve máquinas que automatizam processos tradicionalmente feitos à mão na indústria de couro

Lavoura digital

Saber lidar com computadores e receptores de satélite virou requisito para operadores de máquinas agrícolas, graças ao uso de produtos que combinam funções das velhas plantadeiras e pulverizadores com modernos sistemas eletrônicos.

Na fábrica da Stara, em Não-Me-Toque, são criadas ou adaptadas ao mercado nacional inovações como uma plantadeira capaz de trocar, num toque de botão, a quantidade de insumo (semente ou adubo) liberado pela máquina, o que antes exigia uma operação manual e demorada. Outra máquina, guiada por satélite, espalha agroquímicos em espaços precisos, sem repetir o uso do produto em uma mesma área.

Fundada em 1960, a Stara fabricava aparelhos simples, baseados em estruturas metálicas. Na última década, se voltou ao uso de componentes eletrônicos, que desde 2006 também são feitos em Não-Me-

Toque, ajudando a garantir faturamento de R\$ 280 milhões em 2008.

— Buscamos parcerias com empresas do Brasil e da Alemanha, adaptando as tecnologias para a nossa realidade — lembra Fernando Trennepohl, diretor comercial da empresa, que exporta 15% de sua produção para 34 países.

Stara

- **Onde:** Não-Me-Toque
- **Sector:** máquinas agrícolas
- **Por que inova:** cria e adapta tecnologias que reduzem o desperdício e aumentam a precisão por meio de comandos eletrônicos e comunicação via satélite

UMA SÉRIE DE DESCOBERTAS

- | | | |
|--|--|--|
| | | |
| Domingo
Inovações gaúchas para o mundo | Ontem
Inovações no dia a dia das pessoas | Hoje
Inovações em negócios antigos |